

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
CAMPUS SÃO PAULO – IFSP  
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES –  
ÊNFASE NO MAGISTÉRIO SUPERIOR**

**Gabriela de Rezende Ferreira**

*“Percepções de inserções profissionais de estudantes de História – Universidade  
Pública e Privada”*

São Paulo.  
JANEIRO 2015

**Gabriela de Rezende Ferreira**

*“Percepções de inserções profissionais de estudantes de História – Universidade Pública e Privada”*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de São Paulo - IFSP como requisito parcial para obtenção de grau em Pós-graduação *latu sensu*.

Orientador: Prof Dr Paulo R. de Albuquerque Bomfim.

São Paulo.  
JANEIRO 2015

Arquivo ficha catalográfica, FERREIRA, Gabriela de rezende

Gabriela de Rezende Ferreira.

*Percepções de inserções profissionais de estudantes*

*de História – Universidade Pública e Privada / Gabriela de Rezende*

Ferreira – São Paulo, 2014.

Monografia (Pós-graduação *Latu Sensu*) – Instituto Federal de  
Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo.

1. Educação - Monografia I. Título.

SP/IFSP

**Gabriela de Rezende Ferreira**

*“Percepções de inserções profissionais de estudantes de História – Universidade Pública e Privada”*

SÃO PAULO, 04 de dezembro de 2014.

---

Orientador Prof. Dr Paulo R. de Albuquerque Bomfim.  
Instituição: IFSP- Instituto Federal de São Paulo – Campus São Paulo.

---

Prof. Dra Amanda Cristina Teagno Lopes Marques  
Instituição: IFSP- Instituto Federal de São Paulo – Campus São Paulo.

---

Prof. Ms. Marcelo Augusto Monteiro de Carvalho  
Instituição: IFSP- Instituto Federal de São Paulo – Campus São Paulo.

## AGRADECIMENTOS

Quero iniciar meus agradecimentos àqueles que são responsáveis por tudo o que eu sou hoje, meu pai, Afonso, e minha mãe, Linda. Com vocês aprendi muito mais do que escrever uma monografia, aprendi meus valores que sempre estarão comigo.

Ao meu irmão, Luis Guilherme, por ser meu parceiro, por dividir comigo muito mais que um apartamento, você é meu amor incondicional.

Gostaria de agradecer também, Sueli, Mariana e Monique Nones Bombi por serem minha família em São Paulo sempre dispostas a dividir momentos de descontração, conversas e risadas.

Não posso esquecer das minhas amigas em São Paulo: Bruna, Paula, Mayra, Mariane e Michele, com vocês aprendi muito mais que História, os dias compartilhados na universidade me fizeram mais fortes e feliz, sem vocês a caminhada teria sido mais difícil.

E das minhas amigas de Mogi Guaçu no interior de São Paulo, Juliana, Patrícia e Thaís, com vocês passei momentos de adolescência que contribuíram para formar a pessoa que sou, sempre com muitas lembranças e saudades.

Aos meus amigos Dimitri, Bruno (Pedro), Cauê e Ramon pelas conversas, por compartilhar momentos e reflexões.

Aos meus colegas de pós-graduação: Tiago Rufino, Hélio Fritz, Tatiane e Marcelo Cruz, a rotina na pós foi muito além de reflexões sobre educação, com vocês a caminhada foi mais fácil e produtiva. Pelo prazer em ensinar e aprender.

À minha orientadora de graduação, Ana Lúcia Lana Nemi, com ela aprendi tudo que sei sobre vida acadêmica. Por sua paciência e dedicação ao ofício de Historiadora e Professora, por ser um exemplo a ser seguido.

Ao meu orientador de pós-graduação, Paulo Bonfim, por fazer parte de mais essa etapa e por compartilharmos valores de luta política por uma educação pública de qualidade para todos.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao Marcelo, porque chegou há pouco tempo e transformou meu modo de ver as coisas, as palavras são insuficientes, com amor.

## **RESUMO**

Esta foi uma pesquisa sobre o perfil dos alunos do curso de graduação em História na Universidade Pública e Privada. Para isso foi utilizado pesquisa qualitativa com alunos do último semestre do curso de História da Universidade de São Paulo - USP, pública estadual e a Universidade Nove de Julho - UNINOVE, particular. Ambas as faculdades ficam na capital paulista e possuem grande visibilidade na formação de profissionais em História. Pretendeu-se traçar um perfil do egresso desses alunos, discutir as grades curriculares, as inserções profissionais dos formandos e a universidade pública e privada. Passamos por um momento de expansão das vagas do ensino superior no Brasil, tanto nas universidades públicas quanto nas instituições privadas, acreditamos ser importante refletir sobre isso e contribuir com estudos que podem ajudar a ter uma visão crítica destes processos.

## **Abstract**

This research was a reflection on the profile of students in the undergraduate program in History at public and private universities. In order to convey that, we used qualitative research, in which students in the last semester of History from Universidade de São Paulo (USP) and Universidade Nove de Julho (UNINOVE) were interviewed. Both colleges are in the city of São Paulo and find great visibility in professional training in History. It was intended to draw a profile of the training of these students, to discuss the curricula, the professional insertion of graduates and the public and private university. We went through a time of expansion of places of higher education in Brazil, both in public universities and in private institutions. Because of that we believe it is important to reflect and contribute in some way to studies that may help to have a critical view of these processes.

## Sumário

Apresentação.....	p.09
Introdução.....	p.10
Cap 1- Sobre Pesquisa Qualitativa e análise das entrevistas.....	p.11
Cap 2- Análise das Grades Curriculares.....	p.18
Cap 3- Sobre Docência e Pesquisa na Universidade.....	p.23
Considerações Finais.....	p.29
Bibliografia.....	p.32
Anexos.....	p. 34



## Apresentação

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática (FREIRE, 2013, p.40)

A inquietação sobre a formação nos cursos de graduação em História começou quando me formei e fui trabalhar na escola pública. Lá convivi com pessoas completamente diferentes das que eu havia convivido no círculo da universidade pública. Os professores eram formados em universidades particulares e percebi que tiveram uma formação diferente da minha. Graduei-me na Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP (campus Guarulhos), uma universidade pública ligada ao sistema federal de ensino.

Essa troca de experiência foi decisiva para que eu me interessasse em estudar mais criticamente a questão da formação na universidade pública e privada e o papel do ensino e da pesquisa nestes cursos de ciências puras.

Por outro lado, percebi que eu tinha um déficit de formação pedagógica, que conhecia muito pouco sobre ensino, sobre a realidade escolar, e o que fazer diante de uma sala de aula de escola pública, com poucos recursos e muitas carências. Diante do cotidiano escolar senti necessidade de buscar teorias que me dessem apoio para refletir sobre minha prática docente. Optei por fazer uma especialização em ensino e me aprofundar nos assuntos relacionados à educação.

Com as aulas da pós-graduação aprendi um pouco mais sobre pesquisa em educação, convivi com colegas vindos de diversas áreas de formação, de diversas instituições de ensino superior e amadureci a ideia de estudar a formação pedagógica nas universidades.

## Introdução

Resolvi delimitar meu estudo no curso de História e elegi duas universidades, a Universidade de São Paulo (USP), pública ligada ao sistema estadual de educação<sup>1</sup> e a Universidade Nove de Julho (UNINOVE) privada<sup>2</sup>. Ambas estão localizadas na cidade de São Paulo e são consideradas de grande porte por formarem muita gente em diversas áreas do conhecimento.

Escolhi utilizar o estudo comparativo das grades curriculares e a pesquisa qualitativa com entrevistas. O estudo comparativo das grades é uma herança metodológica que trago da minha formação em História na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH-UNIFESP). Recorrer ao documento, pois “não há história sem documentos (...) há que tomar a palavra documento no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira.” (Le Goff, 2003, p.531.).

O Historiador busca através dos vestígios das fontes reescrever a História, que é um conhecimento que está sempre em progresso e que pode se transformar e aperfeiçoar. Esse trabalho com a fonte pressupõe pontos de partidas, que são subjetivos do pesquisador. “O explorador sabe muito bem, previamente, que o itinerário que ele estabelece, no começo, não será seguido ponto a ponto. Não ter um, no entanto, implicaria o risco de errar eternamente ao acaso.” (BLOCH, 2001, p.79).

E a pesquisa qualitativa é muito usada nas áreas de Psicologia, Educação, Administração de Empresas e Ciências Humanas em geral. É uma pesquisa que pretende descrever as diversas componentes de um fenômeno do mundo social reduzindo a distância entre o pesquisador e o pesquisado, entre teoria, contexto e ação.

E é uma abordagem nova para mim, que aprendi na Pós-graduação *Lato Sensu* em Formação de Professores com ênfase em Magistério Superior do Instituto Federal de São Paulo, campus São Paulo. Assim a utilização de entrevista pode me mostrar um outro lado da pesquisa, o lado subjetivo, emocional, afetivo, tão importante para as Ciências Sociais que aproxima a pesquisa da realidade.

---

<sup>1</sup> No estado de São Paulo temos ainda a UNESP, que possui campus no interior do estado e a UNICAMP que é a Universidade de Campinas.

<sup>2</sup> Olhando o ranking da Folha de São Paulo sobre as Universidades notamos que a USP esta me 1º lugar em excelência enquanto a UNINOVE ocupa o 70º lugar. Fonte: <http://ruf.folha.uol.com.br/2013/rankinguniversitariofolha/> Acesso em 16/08/2014.

Além disso, o “monismo metodológico”, como afirmou Bourdieu (1992) não é uma exigência do problema de pesquisa, alguns pesquisadores optam por utilizar um ou outro método, mas isso não significa que seja necessário eleger um. A pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa podem dialogar e nos levar a caminhos mais seguros de investigação.

Ao utilizar entrevistas como fonte de pesquisa fui obrigada a ir a universidade, conhecer seus espaços, “a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado” (LUDKE E ANDRE, 1986, p.26).

O contato com o graduando me deu perspectivas mais reais, daquilo que eu imaginava, uma vez que, antes disso nunca tinha ido a UNINOVE e apenas frequentei os espaços da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) como “estrangeira” para colóquios, ou palestras.

Espero que meu estudo colabore para reflexões acerca da formação nos cursos de graduação e que vá ao encontro de políticas institucionais que aliem pesquisa e ensino nos cursos de ciências puras. Essa aliança pode colaborar para formar profissionais mais completos e críticos e que realizam um trabalho mais sensível ao valorizar tanto ensino quanto a pesquisa científica e não sejam formados apenas valorizando um ou outro.

## Cap 1- Sobre Pesquisa Qualitativa e análise das entrevistas.

Tem sido frequente a divisão dos pesquisadores na área das Ciências Sociais entre os que apostam na pesquisa 'qualitativa' e os que se dedicam à 'quantitativa'. (...) Do meu ponto de vista, a questão que se coloca, para os pesquisadores em Educação e Ciências Sociais, não é se as abordagens que se utilizam de materiais quantitativos são mais ou menos adequadas para o estudo dos fenômenos sociais do que as que utilizam os materiais qualitativos; a questão está em ser capaz de selecionar os instrumentos de pesquisa em consonância com os problemas que deseja investigar. (BRANDÃO, 2002, p.28)

A pesquisa qualitativa tem um caráter exploratório o pesquisador utiliza a entrevista para tentar adentrar a realidade do objeto de pesquisa. Há um lado de curiosidade em que o pesquisador estimula o entrevistado a pensar e a falar sobre o tema, e há outro lado de pesquisa etnográfica, imersão social e pessoal dos envolvidos e no ambiente onde se realiza a pesquisa.

Ludke e André(1986), descrevem que é cada vez mais evidente o interesse que os pesquisadores da área de educação vêm demonstrando pelo uso das pesquisas qualitativas. Acreditamos que a pesquisa qualitativa pode nos mostrar resultados mais reais dos problemas pesquisados, uma vez que utilizamos o lado social para refletir. Quando o pesquisador vai ao ambiente para pesquisar se depara com realidades que dificilmente encontraria apenas nos documentos e na parte teórica da instituição.

Ao considerar o lado subjetivo e humano da pesquisa, não estamos fazendo uma reflexão sem método, pelo contrário. A escolha pela pesquisa qualitativa deve ser responsável e embasada em reflexões teóricas enraizadas.

nas condições intelectuais de hoje, fora de qualquer ecletismo, precisamos evitar duas formas de 'radicalismo'. O radicalismo quantitativista, ainda vigente entre positivistas, que consideram que tudo que não pode ser medido inexistente ou é mera especulação que não pode fazer parte da ciência e o radicalismo qualitativo, compartilhado por pesquisadores de orientações humanistas que, de modo exagerado, consideram que qualquer preocupação de ordem quantitativa estaria necessariamente vinculada ao positivismo enquanto filosofia da ciência e ao conservadorismo, em termos ideológicos. (THIOLLENT 1984, p. 46)

Acreditamos que a utilização da pesquisa qualitativa aliada à pesquisa quantitativa seja um meio seguro de realizar uma pesquisa mais responsável e que mantenha o distanciamento necessário para a reflexão sem deixar de lado aspectos emocionais que enriquecem o estudo, principalmente na área de Ciências Humanas.

A crença na objetividade da pesquisa científica já foi superada, de um modo ou de outro o trabalho científico nunca é completamente objetivo, como acreditavam os

positivistas. Os documentos não falam sozinhos e sempre há intencionalidades<sup>3</sup>. E é necessário que o pesquisador busque ir além das informações ali contidas e procure decifrar as subjetividades.

“As distorções existem tanto no plano quantitativo quanto no qualitativo e tanto no modo de observação passiva quanto no ativo. Cada tipo de pesquisa possui suas próprias distorções” (THIOLLENT, 1984, p. 47). Assim, fica claro que, a busca pela imparcialidade na pesquisa é uma coisa que não faz mais sentido, não há imparcialidade total na pesquisa, o que existe são estudos baseados em métodos científicos que visam a garantir a validade da pesquisa científica.

Ademais e insistindo “os antagonismos quantitativo/qualitativo, assim como micro/macrossocial são improcedentes; (...) a questão que se coloca é da pertinência do enfoque para obter o ângulo mais adequado do problema em investigação” (BRANDÃO, 2001, p.29).

Feita essa discussão sobre pesquisa qualitativa e acreditando que a validade desta metodologia é clara, cabe ressaltar algumas reflexões a partir de entrevistas realizadas com os alunos do último semestre de graduação da UNINOVE e da FFLCH-USP.

Foram entrevistados cinco alunos da USP e cinco alunos da UNINOVE, optou-se por essa amostragem, pois notamos que as respostas se repetiam e já era possível notar uma homogeneidade de respostas. Os alunos entrevistados da USP frequentavam curso vespertino e os alunos da UNINOVE frequentavam curso matutino. O roteiro utilizado para a entrevista qualitativa foi esse:

Por que você escolheu fazer História?  
E porque você escolheu aqui na UNINOVE/ USP?  
E Depois de formado o que você pretende fazer?  
E você acha que a UNINOVE/ USP te dá subsídios para isso?  
Você pretende fazer pós-graduação?

Lembrando que a intenção foi deixar a entrevista fluir como uma conversa e não em forma de perguntas e respostas simples. As transcrições das entrevistas estão ao final como anexo.

---

<sup>3</sup> “Século XX a crítica da noção de fato histórico, que não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje a crítica da noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e inocente, mas exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento.(Foucault e Le Goff)” (Le Goff, 2003 P. 9 e 10).

## 1.1 – Entrevistas com alunos da USP

Percebemos que a escolha em estudar História por alunos da USP foi mais no sentido de sentir afinidade pela matéria, gostar da área de Humanidades e por ter tido algum professor que marcou a vida escolar deles. Um entrevistado relatou que tem mãe professora e um tio professor de História e que a partir da admiração por eles decidiu estudar para ser professor, porém durante os estudos desistiu de seguir a carreira.

Foi consenso entre os entrevistados que a escolha pela universidade pública foi por ser considerada a melhor do país e pela qualidade nos cursos que tem, ou pelo menos tem a fama de ter. Notamos que nenhum entrevistado citou a questão financeira, de ser uma universidade pública e logo não ter gastos com a mensalidade. A escolha destes alunos foi mais preocupados com a excelência da universidade, nenhum demonstrou preocupação financeira com os estudos.

Todos os entrevistados da FFLCH assumiram ter prestado apenas vestibulares de universidades públicas e dentre as públicas optaram pela USP, por acreditarem que realmente é a melhor universidade para o curso de História. Nenhum citou interesse de prestar universidade privada. Um deles confessou que apenas prestou universidade pública porque gostaria de sair de casa, morar sozinho e precisava de um bom motivo, a aprovação no vestibular proporcionou isto.

Nenhum dos entrevistados demonstrou interesse em lecionar. Um disse que durante a graduação perdeu a vontade e atualmente trabalha como assistente de um artista plástico e como não pretende dar aula e nem fazer pesquisa, quer seguir por essa área, ou seja, continuar fazendo o que já faz. Outros três disseram que pretendem continuar carreira acadêmica já foram aprovados no processo seletivo do Departamento de História ou estão se encaminhando com os orientadores. Apenas um demonstrou interesse em fazer mestrado, mas não pretende fazer logo depois de formado, quer formular com calma um projeto de pesquisa que deve ir ao encontro do que trabalha, é funcionário de um arquivo<sup>4</sup>.

Os entrevistados demonstraram pouco interesse na docência apenas um disse que quando acabar o mestrado quer dar aula, mas frisou que será somente por um tempo. Outro confessou que dar aula seria só no caso de o plano A dar errado, aí sem opção iria para a sala de aula. Notamos que apenas um aluno saiu da área de formação e

---

<sup>4</sup> O aluno trabalho no arquivo do IEB-USP.

não pretende voltar, os outros querem ser Historiadores e nenhum pretende ser professor.

O que é interessante refletir. A ideia de ser somente pesquisador é ilusória, de uma forma ou de outra o pesquisador acaba palestrando, ou ministrando cursos sobre sua pesquisa e se torna um professor. Não existe a ideia de pesquisador separada completamente de professor, elas se entrelaçam no dia a dia da pesquisa na universidade. Podemos notar que se tem a falsa impressão de que uma coisa é oposta a outra.

Acreditamos que é possível, através das entrevistas, inferir que a USP dá pouca importância para formar professores que poderiam atuar nas escolas. E, soma-se a isso, o fato de que o perfil socioeconômico dos estudantes é mais de elite e os próprios se afastam da docência em escola pela baixa remuneração e valorização.

Todos os entrevistados disseram que a graduação dá subsídios para continuarem carreira acadêmica e se tornarem pesquisadores. A docência é preocupação secundária, afirmaram ainda que, tiveram poucas discussões sobre a realidade escolar, ensino de História a atuação profissional de professores.

Mesmo assim, um entrevistado alegou que tem impressão de que atualmente os colegas estão mais preocupados em prestar concurso público na área de educação e que uma maioria acaba se tornando professor, isso talvez porque não há espaço na academia para todos os formados.

Outro aluno demonstrou preocupação com a falta de investimentos na pós-graduação, ele mesmo tem financiamento da FAPESP que é uma agência de financiamento de pesquisa externo, não é um órgão da universidade, e que é crítico quanto ao financiamento dado pela universidade aos pesquisadores que são formados no programa.

Acreditamos que tem se dado passos ao encontro de valorizar a docência e formação de professores no curso da Universidade de São Paulo, porém ainda são passos lentos. Os alunos no último semestre de graduação garantem que se há mudanças neste sentido elas ainda são pequenas e lentas, e são pouco sentidas no dia-a-dia na universidade. A grande preocupação da graduação em História é formar o pesquisador que continua a carreira acadêmica. Mais adiante falaremos um pouco mais sobre isso na análise das grades curriculares.

## 1.2 - Entrevistas com alunos da UNINOVE.

A pesquisa com os alunos da UNINOVE foi muito interessante e construtiva. Meu colega de trabalho é estudante de História no campus Água Branca e ele foi a porta de entrada para mim. Ele conversou diretamente com coordenador do curso de História, Prof. Savério Lavorato Junior, depois disso troquei email com ele, que além de me autorizar a entrar no campus conseguiu que os professores do ultimo semestre da graduação me apresentassem aos alunos para que eu conseguisse as entrevistas.

Logo na entrada da UNINOVE me surpreendi com o tamanho da instituição e a estrutura. Percebi que ali é um ambiente preparado para receber centenas de pessoas diariamente, a praça de alimentação é grande e possui muitas opções de lanchonete, há muitos funcionários uniformizados pelo espaço, o prédio possui muitas escadas rolantes e elevadores.

Como combinado com o professor Savério, fui diretamente para a sala do último semestre de História lá o professor Alfredo Salun me apresentou a turma e eu rapidamente apresentei minha pesquisa e pedi que colaborassem com ela na forma de entrevista. Os alunos ficaram muito interessados, me fizeram perguntas sobre o Instituto Federal, a pós-graduação, o processo seletivo e sobre minha graduação na Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos (EFLCH-UNIFESP).

Me deparei com um cenário de despedida pois eles estavam realmente finalizando o último semestre e cumprindo as últimas aulas da última semana do semestre. Estavam cheios de energias para entregar o trabalho de conclusão de curso e estavam repletos de ideias para o futuro.

Todos os entrevistados relataram que escolheram estudar na UNINOVE pela localização, perto do metrô Barra Funda, e porque o preço era acessível, podiam pagar ou alguém da família ia pagar por eles. A escolha foi no sentido de preocupações financeiras e também pela localização da universidade que fica próxima a uma estação de metro onde desembocam muitas linhas de trens. Além disso, fica próxima a Avenida Francisco Matarazzo que tem um grande corredor de ônibus onde passam muitas opções de transporte coletivo.

Outra coisa que notamos é que apenas um dos entrevistados estava fazendo História como primeiro curso. Todos os outros estavam cursando a segunda graduação e escolheram História porque sempre gostaram, mas à época não acharam uma boa ideia



estudar para ser professor e acabaram fazendo outra coisa dois entrevistados eram formados em Turismo, um era formado em Marketing.

Uma das entrevistadas é formada em Letras, e é professora de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino e escolheu fazer História porque gosta e esta um pouco cansada de trabalhar com Língua Portuguesa, teve dúvida se continuava na mesma área e estudava inglês, decidiu fazer História e pretende dar aulas dessa disciplina daqui para frente.

Um dos entrevistados trabalha com capoeira há 30 anos e quis fazer História para se aprofundar um pouco mais na cultura afro, acredita que essa formação vai contribuir para enriquecer o trabalho que já tem e para refletir um pouco mais sobre a discussão. Quer continuar estudando e fazer pós na USP ou na PUC sobre cultura afro, mas não sabe se vai conseguir e cogita fazer uma pós online.

Foi consenso nas entrevistas de que a UNINOVE prepara o aluno para ir para a sala de aula. Segundo eles, desde o primeiro dia de aula os professores alertaram sobre a realidade escolar e nunca tentaram passar a ideia de escola perfeita, com alunos ideais e ótimas condições de trabalho. Sempre partiram da realidade da educação pública para discutir criticamente o que fazer diante destes cenários. Os alunos acreditam que por meio do realismo é possível enfrentar a situação com mais preparo.

Todos estão satisfeitos com a formação e acreditam que tiveram subsídios para serem ótimos profissionais ainda que com pouco tempo os professores sempre incentivaram e estiveram dispostos a tirar dúvidas e ajudar quem tivesse interesse de se aprofundar mais.

Outra coisa que ficou clara é que os alunos elogiaram o material didático e as apostilas usadas nas aulas. Cada professor da disciplina ao começo do semestre deixa na Xerox da universidade uma apostila que será usada durante o curso de sua unidade curricular, essa apostila contém seleção de textos feitas pelo professor referente à disciplina.

Todos se mostraram interessados em continuar estudando e se especializar, investir em mais estudo, mas por hora querem aproveitar o fim da graduação, descansar um pouco, cuidar da família, começar a trabalhar e depois amadurecer a ideia de pós-graduação.

Todos estão preocupados com inserção profissional, sabem que a escola pública tem muita carência de professor e todos querem ir para essa área, pensam em concurso público, mas por enquanto vão trabalhar como contratados temporários. Todos

demonstraram muito conhecimento sobre o processo seletivo para trabalhar como contratado nas redes públicas<sup>5</sup>. O que mostra que foram muito bem orientados, pois esse processo não é simples e quando não se conhece fica muito difícil entrar e fazer parte do corpo docente da Escola.

### 1.3 – Entre USP e UNINOVE.

As principais diferenças dos entrevistados é que enquanto nenhum aluno da USP nem sequer citou a questão financeira para dar continuidade nos estudos, todos os alunos da UNINOVE colocaram em primeiro lugar o financeiro na escolha da universidade.

Outra coisa é que todos os entrevistados da universidade privada já eram mais velhos, pais de família e preocupados com o retorno financeiro da graduação. Os entrevistados da USP eram todos jovens e sem tanta preocupação imediata com o financeiro; há sim o interesse em ter um salário e se sustentar, porém não há a necessidade de sustentar mais alguém com a renda.

Os alunos da USP não pretendem trabalhar na escola pública e não demonstraram conhecer um pouco mais a realidade da escola, enquanto que os alunos da UNINOVE demonstraram muito conhecimento sobre os procedimentos para ingressar na rede estadual de ensino ainda que não pelo concurso público e querem trabalhar nas escolas.

Todos os alunos da USP querem fazer pós graduação e demonstraram conhecer bem os procedimentos para ingressar e todos os alunos da UNINOVE pensam em fazer pós-graduação, mas hesitam por não conhecer direito o que é, não saber direito o que fazer nem onde. Senti que há uma baixa estima nestes alunos da universidade privada, eles pensam que não vão conseguir fazer pós-graduação a qual seria para alunos muito inteligentes e não para eles.

Ademais, durante as entrevistas os alunos da USP se interessam menos pelo o que eu estudo e como é minha pós-graduação *lato-sensu*. Já os alunos da UNINOVE

---

<sup>5</sup> Essa atitude é muito diferente do que eu encontrei na Universidade Pública, quando me formei não tinha nenhuma ideia de como funcionava a escola pública e achava tudo complicado de se entender. Diferentemente de quem já trabalhava lá, todos entendiam as burocracias muito bem.

ficaram muito curiosos, me fizeram muitas perguntas e até perguntaram se eu achava que eles conseguiriam passar na prova para ingressar na pós-graduação do Instituto Federal de São Paulo.

## Cap 2 - Análise das Grades Curriculares.

O estudo das Grades Curriculares pode nos mostrar aspectos da gestão que corroboram para formar o perfil do aluno que a universidade quer. Acreditamos que esta análise pode nos mostrar aspectos mais objetivos da formação na universidade pública e na universidade privada.

### 2.1 – Grade curricular da UNINOVE.

O curso de graduação em História na UNINOVE é planejado para durar três anos, assim os componentes curriculares são divididas em seis semestres (ver Tabela 1). Logo no primeiro ano os alunos possuem uma matéria ligada a ensino em cada semestre, então são duas matérias sobre ensino no primeiro ano do curso. A saber: Prática de Ensino I e no segundo semestre Prática de Ensino II.

No segundo ano são três matérias ligadas ao ensino, no terceiro semestre: Prática de Ensino III, e no quarto semestre: Prática de Ensino IV e Estágio Supervisionado em Ensino I.

No último ano do curso os alunos cursam no quinto semestre seis unidades curriculares sobre educação, que são: Didática, Estágio Supervisionado de Ensino II, Metodologia de Ensino, Prática de Ensino V, Sociologia da Educação, Tópicos Especiais em Educação I (eletiva).

E no sexto semestre mais seis matérias ligadas a educação, que são: Estrutura e Funcionamento do Ensino; Estágio Supervisionado em Ensino III; História da Educação no Brasil; Prática de Ensino VI; Psicologia da Educação e Tópicos Especiais em Educação II (eletiva).

E ainda, cumprem a unidade curricular Libras que é uma matéria obrigatória para qualquer graduação em Licenciatura<sup>6</sup>. Desde 2002 todo curso de Licenciatura foi obrigado por lei a incluir na sua grade curricular o curso de Língua Brasileira de Sinais como pré-requisito para formação. Esta ação vai ao encontro da tentativa de democratização e inclusão social dos deficientes auditivos na educação.

---

<sup>6</sup> “Art. 4o O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente”. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm) Acesso em: 29/07/2014.

Ao todo os alunos da UNINOVE possuem quarenta e três unidades curriculares, sendo vinte e um diretamente ligadas a educação, três<sup>7</sup> ligadas a pesquisa e as outras dezenove são matérias ligadas a Historiografia como por exemplo: História Antiga, História do Brasil, História Moderna, História da América, entre outras.

Notamos que a grade é planejada de maneira rígida, os alunos não têm muitas opções de eletivas, as únicas duas eletivas oferecidas durante todo o curso são as duas voltadas para o ensino, que são: Tópicos Especiais em Educação I e Tópicos Especiais em Educação II. Assim as matérias que deveriam ser optativas de acordo com o interesse do aluno, na realidade não são, pois acabam sendo obrigatórias e únicas opções.

Podemos notar que o curso de História da UNINOVE forma os alunos com o foco em educação, muito provavelmente o objetivo desta graduação é mandar professores para o mercado. E é possível inferir que responde aos anseios da escola pública que é um lugar que precisa de muitos professores imediatos, assim o aluno já sai da universidade empregado<sup>8</sup>. Isso não quer dizer que o aluno não possa trabalhar em outro meio, porém indica que o caminho mais fácil é a escola pública dada a necessidade prática do governo em contratar professor.

E também notamos que a UNINOVE não forma o aluno para ser um pesquisador; nenhum aluno demonstrou qualquer intenção de seguir carreira acadêmica e se afastar da docência na educação básica.

Além disso, por ser uma graduação realizada em três anos, considerada um curto período, deduzimos que quem procura este curso já está interessado em obter resultados rápidos e não tem muito tempo disponível.

## 2.2 – Grade Curricular da USP

O estudo da grade curricular do curso de História da USP foi mais trabalhoso, a grade curricular é flexível e mais difícil de entender para quem não faz parte do curso. Na FFLCH o requisito para se formar em Licenciatura é cumprir o Bacharelado, assim podemos notar que o Bacharelado é colocado em primeiro lugar.

---

<sup>7</sup> Metodologia da Pesquisa, TCC I e TCC II.

<sup>8</sup> Muitas vezes durante o curso de graduação o aluno já trabalha na escola pública, como é o caso do meu colega Lucas, que desde o segundo semestre de graduação já trabalha como professor eventual e, atualmente, trabalha como Professor Auxiliar (PA).

Para cumprir o requisito do Bacharelado o aluno deve cursar vinte e três disciplinas obrigatórias e onze disciplinas optativas eletivas (ver Tabela 2 e 3). São oferecidas quarenta e três opções de matérias optativas eletivas, dentre essas o aluno tem seis opções de matérias ligadas à educação e Ensino de História<sup>9</sup>.

Feito isso o aluno pode escolher fazer a Licenciatura, se fizer essa escolha o aluno tem que cumprir quatro matérias obrigatórias no Departamento de Educação da USP (FE-USP)<sup>10</sup> e uma matéria no Departamento de História (FFLCH-USP)<sup>11</sup>. E deve escolher quatro optativas eletivas que podem ser cumpridas na FE-USP ou na FFLCH. Dessas eletivas o Departamento de Educação oferece oito opções de unidades curriculares e o Departamento de História apenas uma.

Foi possível notar que o Departamento de História da USP oferece algumas matérias aliando educação e História. Isso é muito positivo para a valorização do professor de História, pois o ensino da matéria é pensado por Historiadores e dentro do curso de História e responde a necessidades da disciplina.

Cada curso tem suas especificidades, quando a prática pedagógica é pensada pelos pares, ela pode responder de forma mais coerente as necessidades da área, por isso insisto na importância de se pensar ensino de História dentro do Departamento de História. Devemos dialogar com o Departamento de Educação de maneira mais igualitária.

E, notamos ainda que as principais matérias para a Licenciatura são oferecidas no Departamento de Educação, como se a formação do professor ainda fosse responsabilidade exclusiva dos pedagogos.

Essa separação cria barreiras invisíveis, porém notáveis que são desnecessárias. A segregação reduz o papel do ensino dentro dos cursos de Licenciaturas. Marilena Chauí, nos mostra que a fragmentação da universidade ocorre em todos os níveis e graus, atinge tanto ensino quanto pesquisa, carreira de funcionários administrativos e dos docentes.

---

<sup>9</sup> As seis matérias optativas eletivas são: História da África e dos Afrodescendentes no Brasil: Conteúdos e ferramentas didáticas para a formação de professores do Ensino Médio e Fundamental; A Escola no Mundo Contemporâneo; Ensino de História: Teoria e Prática; O Ensino de História e a Questão Indígena; Uma História para a cidade de São Paulo: um desafio pedagógico e Cultura Visual e Ensino de História.

<sup>10</sup> As matérias são: Política e Organização da Educação Básica no Brasil; Didática; Metodologia do Ensino de História I; Metodologia do Ensino de História II e

<sup>11</sup> A matéria é: Ensino de História: Teoria e Prática, que é uma eletiva optativa para o curso de Bacharelado e uma obrigatória para a Licenciatura.

A fragmentação do ensino e da pesquisa é o corolário de uma fragmentação imposta à cultura e ao trabalho pedagógico pelas ideias de especialização e de competência, e sobretudo, que a reunificação do dividido não se fará por critérios intrínsecos ao ensino ou à pesquisa, mas por determinações extrínsecas, ou seja, pelo rendimento e pela eficácia. (CHAUÍ, 2001, p.56.)

O que melhora esse cenário é que o Departamento de Educação possui alguns professores formados em outras áreas de conhecimento e especialistas em educação<sup>12</sup>. Assim esse fosso, criado pelo sistema da universidade, pode ser contornado de alguma maneira e diminuir as distâncias. Esses professores se dedicam a fazer essa aliança que a universidade não faz.

---

<sup>12</sup> Eu por exemplo, frequento aulas como aula especial da Unidade Curricular Optativa/ Eletiva *História do Século XX: Educação e Cultura* no Departamento de Educação ministrada pelo Professor Doutor Waldir Villa que é formado em Ciências Sociais. Essa matéria alia o estudo de História e Educação.

### Cap 3- Sobre Docência e Pesquisa na Universidade.

Buscando criticar o modelo vigente e superar seus problemas, alguns tendem a transformar a Universidade numa instituição que só privilegiaria a pesquisa, que priorizaria excessivamente a pesquisa, desprestigiando seu papel educativo frente a juventude considerando menor a tarefa do ensino de graduação, passando a investir pesado no ensino de pós-graduação, identificado fundamentalmente com a realização sistemática da pesquisa (SEVERINO, 2009, p.258)

Realmente este é um lado da universidade pública, que de alguma maneira hierarquiza a pesquisa nos cursos de graduação. Esta postura teve seu lado positivo no passado quando no país não se tinha a prática da pesquisa, mas com o tempo isso representou um risco de elitização da universidade que se afasta de dar o retorno que a sociedade necessita.

Ao privilegiar a pesquisa, a universidade acaba se afastando do ensino e da extensão, maneira pelo qual ela se relaciona mais próxima com a comunidade. Outro lado dessa formação universitária é aquela que prepara o aluno para o mercado de trabalho, “numa postura meramente profissionalizante, desconhecendo a necessidade não só da formação científica, mas também de uma densa e consistente formação política.”<sup>13</sup> (SEVERINO, 2009, p. 258).

Severino nos mostra que essa maneira de funcionar da universidade acaba fazendo com que ela se feche sobre si mesma e “nunca é demais insistir: cabe à universidade como instituição como lugar específico do ensino superior dedicar-se à formação do cidadão autêntico”. (Idem.) A universidade tem que se colocar a serviço da sociedade.

Um outro lado do funcionamento da universidade é que ela acaba sendo pressionada por forças externas que a obrigam a ter uma dinâmica a favor do mercado. Isso faz com que a universidade se preocupe com resultados menores, passageiros e valores mercantis descompromissado com o bem social. Assim, “a humanidade parece caminhar, cada dia mais, para uma condição na qual o econômico prevalece sobre o político e sobre o cultural.” (Idem.)

Ademais, cabe insistir nessa relação da universidade com o mercado e o jogo do capital. Corre-se o risco de que “os jovens não saem formados do ensino superior, mas deformados, com uma visão medíocre e egoísta da vida social e de sua participação nela.” (Idem, p. 259) A universidade é marcada por muitas contradições que “comprometem a própria razão de ser da universidade, a mesquinhez, a miopia, o



corporativismo, o mandonismo, o autoritarismo, o dogmatismo prevalecem e contaminam todo o organismo universitário.” (Idem, p. 259 e 260).

Chauí, em seu livro *Escritos sobre a universidade*, nos mostra que nos anos 90 a universidade pode ser considerada operacional, ou seja, é regida por contratos de gestão e avaliada por índices de produtividade e isso leva a uma queda na qualidade do ensino que acaba se curvando às exigências de produtividade fazendo com que haja um “aumento insano de horas-aulas, a diminuição do tempo para mestrado e doutorado, a avaliação pela quantidade de publicações, colóquios e congressos, a multiplicação de comissões e relatórios etc.” (CHAUÍ, 2001, p.190).

A produtividade é medida por três critérios: “quanto uma universidade produz, em quanto tempo produz e qual o custo do que produz.” (CHAUÍ, 2001, p 184). Há um inversão ideológica de qualidade e quantidade. E o professor que antes era pago para pensar, agora é pago para produzir (seminário ANDES-SN, 2011, p.1)<sup>14</sup>.

A professora Maria Ciavatta aponta para a banalização do termo pesquisa; “todos os professores tem de ser pesquisadores, quando, na realidade a pesquisa científica exige um tempo para pensar.”(Seminário ANDES-SN, 2011, p.1). Atualmente o professor não tem mais tempo para, por exemplo, ler as pesquisas dos colegas, “a eficiência prescrita e o produtivismo induzido limitaram, a democracia e a autonomia da universidade” (Idem).

O resultado disso é que emergiram dois tipos de professores, o pesquisador, que da aula na pós e recebe fomento das agências de pesquisa, e o professor jovem “desqualificado” que ministra aula na graduação e se dedica à extensão e tem sua carreira truncada e sem acesso a financiamentos.

Nesse contexto há o assédio moral subliminar muito forte, que ocorre quando o docente não consegue publicar um artigo ou quando seus orientandos atrasam na conclusão do curso. “Com isso, estamos nos aproximando de profissões que trabalham no limite do estresse, como médicos e motoristas” (Seminário ANDES-SN, 2011, p.2). Já foi possível constatar que esta realidade tem afetado a saúde dos docentes com doenças como: depressão, irritabilidade, úlcera estomacais, enxaquecas, transtornos alimentares, entre outros.

---

<sup>14</sup> *Produtivismo acadêmico está acabando com a saúde dos docentes*. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, 22/11/2011. Disponível em: <http://portal.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=5020> acesso em 23/04/2014

Assim a instituição fica presa às exigências exteriores ao trabalho intelectual e se afasta de sua função social, Chauí acredita que a universidade está “virada para seu próprio umbigo, mas sem saber onde esse se encontra” (CHAUÍ, 2001, p 184).

Nessa universidade operacional a docência se apresenta como transmissão rápida de conhecimento “consignados em manuais de fácil leitura para os estudantes, de preferência ricos em ilustrações e com duplicatas em CDs” (Idem, p. 191). O professor é contratado por meio de contratos flexíveis, ou seja, temporários e precários que desvalorizam o profissional. A contratação é feita sem muito critério para aquele que aceita se encaixar neste modelo. E Chauí acredita que ao entrar nessa lógica o professor se afasta da marca essencial da docência que seria a formação e acaba se tornando transmissor de materiais e aquilo que a universidade quer passar.

É fato que a docência é desvalorizada dentro da universidade, há necessidade de se pensar a docência como parte integrante da função social da universidade. Deve haver um “envolvimento intrínseco do ensino superior com a educação em geral” (SEVERINO, 2009, p. 261.)

Boaventura de Sousa Santos faz uma discussão importante sobre o saber pedagógico e a relação com a universidade. Segundo ele,

É um tema de importância crescente, avidamente cobiçado pelo mercado educacional, onde a universidade já teve uma intervenção hegemônica que entretanto perdeu. Este facto é hoje responsável pelo afastamento da universidade em relação à escola pública –a separação entre o mundo acadêmico e o mundo da escola – um afastamento que, a manter-se, minará qualquer esforço sério no sentido de relegitimar socialmente a universidade. (SANTOS, 2005, p.60)

Realmente em algum momento as instituições públicas se afastaram do ensino e se dedicaram mais à pesquisa. Essa hierarquização da pesquisa é prejudicial na medida em que, ao privilegiar a pesquisa, o ensino fica em segundo plano e a universidade deixa de dar o retorno social que a comunidade merece e é legítimo. Os próprios “educadores e gestores escolares comprometidos com projectos progressistas e contra-hegemônicos se queixam da falta de envolvimento e apoio da universidade pública.”(SANTOS, 2005. p.61)

Assim, instituições privadas tem assumido esse vazio deixado pela instituição pública e tem se aproximado da educação básica, em especial no campo de pesquisa educacional e formação de professores para o mercado da educação básica que reclama a falta de professores.

Instituições privadas respondem aos anseios do capital e do lucro e focam suas ações nas metodologias quantitativas, fazem análises baseadas no custo-benefício e se preocupam com medições de resultados da aprendizagem através de testes padronizados que limitam os estudos. Preocupações com eficiência, competição, *performace* ganham centralidade na agenda educacional, como nos mostra Boaventura.

As pesquisas produzidas fora das universidades, patrocinadas e financiadas por organismos internacionais e fundações privadas, passaram a ter uma enorme influência sobre as políticas públicas de educação, condicionando as escolhas dos gestores dos sistemas públicos de ensino. Excluída do debate e frequentemente acusada de defender o *status quo* das corporações do ensino público e de opor-se às reformas, a universidade recolheu-se ao papel de questionar o discurso dominante sobre a crise da escola pública e não se esforçou em formular alternativas (Santos, 2005. p.61)

Essa postura continua em relação à formação de professores, na qual a universidade não se dedica à formação do Magistério, nem do professor pesquisador nem do aluno dos cursos de Licenciaturas. Sobre a formação do docente do ensino superior, a Professora Maria Isabel de Almeida dá valorosas contribuições ao debate em seu livro *A Formação do Professor de Ensino Superior – desafios e políticas institucionais*. A autora buscou dar subsídios formativos relacionados ao campo dos saberes pedagógicos aos professores em processo de formação ou aos que já atuam como profissionais da Educação com o compromisso de uma efetiva interferência na realidade educacional.

Almeida discute a formação dos professores da Universidade de São Paulo e aponta que recentemente houve uma valorização do trabalho docente e que

vêm sendo abertos alguns caminhos para construir políticas institucionais de caráter mais permanente e contínuo no interior da Universidade de São Paulo, voltadas para a valorização do trabalho na produção do conhecimento, no ensino de graduação e na formação dos docentes. (ALMEIDA, 2012, p. 119)

Essa mudança começou em 2006, período em estavam na gestão da USP professores<sup>15</sup> comprometidos com questões docentes e ensino. As ações iam ao encontro da superação da fragmentação das atividades dos professores pesquisadores, que tinham predominância nas atividades de pesquisa em detrimento do ensino e, neste caso ocorrendo uma menor dedicação pelos docentes às salas de aula. Também buscou-

---

<sup>15</sup> “Neste período, a USP esteve sob a gestão da professora Suely Vilela e a Pró-Reitoria de Graduação sob o comando da professora Selma Garrido Pimenta.” (ALMEIDA, 2012, p. 119)

se criar meios para proporcionar aos professores uma base política pedagógica que corroborasse para abordagens de ensino mais efetivas e responsáveis.

Os trabalhos foram direcionados a problematizar o desenvolvimento profissional docente de forma a constituir “um corpo docente capaz de criar respostas pedagógicas e institucionais coerentes com os princípios emancipadores e gerir o próprio processo de crescimento profissional.” (Idem, p. 120.). Tentou fazer com que o corpo docente se envolvesse nos estudos para superar o quadro já conhecido de problemas de formação do curso de graduação de forma a melhorar a qualidade das aulas e da graduação.

Assim, a primeira ação colocada em prática foi a elaboração de indicadores para a avaliação do trabalho docente<sup>16</sup> e encaminhados à Comissão Especial de Regime de Trabalho (CERT), órgão que avalia a atuação docente na USP no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. E ainda, dando prosseguimento as ações de valorização do ensino nos cursos graduação foram criados em 2007 o Curso de Pedagogia Universitária e os Seminários de Pedagogia Universitária<sup>17</sup>.

Isso aconteceu de forma voluntária, professores de diversas áreas se inscreveram no curso em busca de demandas diferentes. Cada curso tem sua especificidade e a discussão crítica de problemas diferentes leva a resoluções coletivas e eficientes. As abordagens foram tanto de atuação pedagógica pessoal quanto de trabalho coletivo. Essa participação representou um passo ao encontro da valorização e aperfeiçoamento de ações de ensino.

Porém, são ações que ainda são pouco sentidas no dia-a-dia universitário. Os próprios alunos da graduação assumiram que as discussões sobre ensino, realidade escolar, práticas pedagógicas são pequenas e se limitam ao curso de Licenciatura na Faculdade de Educação.

Precisamos ratificar a necessidade de diminuir a separação entre ensino, pesquisa e extensão. Esta atitude empobrece o trabalho reflexivo e conseqüentemente prejudica o retorno social que a universidade deveria dar para a comunidade. Só a

---

<sup>16</sup> “Com isso foi possível requalificar os critérios de avaliação das atividades referentes ao ensino no âmbito da vida acadêmica, dando-lhe maior destaque no contexto da carreira na USP” (Idem, p. 122)

<sup>17</sup> “O curso de Pedagogia Universitária, com duração anual, foi oferecido por três vezes consecutivas. Contou com uma professora especialista no campo da formação de docentes para o ensino superior especialmente contratada, e todas as atividades, realizadas de modo presencial e não presencial, foram acompanhadas pela equipe do GAP Central. A certificação de participação no curso exigiu a realização de 85% das atividades previstas e a adesão deu-se por iniciativa própria dos docentes.” (Idem, p 123)

superação desta fragmentação pode gerar discussões mais complexas e estimular ações mais coerentes com as necessidades que a sociedade apresenta e espera que a universidade ofereça.

Se é com o ensino de qualidade que o país consegue vencer os atrasos sociais, este deve ser pensado dentro das instituições de ensino superior, principalmente as instituições públicas, com um diálogo permanente com os agentes sociais envolvidos e que respondam aos anseios da população.

## Considerações Finais.

Acreditamos que o estudo das grades curriculares dos cursos de graduação em História e o uso das entrevistas em forma de pesquisa qualitativa nos proporcionou um caldo profícuo de discussão que não tivemos a intenção de esgotar. Este estudo ainda tem muito mais o que se refletir e esperamos ter dado passos largos ao encontro do debate sobre a inserção profissional de estudantes de História e de Licenciatura, e as diferenças entre a formação em uma universidade pública e em uma universidade privada.

A UNINOVE responde aos anseios do mercado e tenta formar pessoas que vão atuar no mercado de trabalho. Sabemos que o mercado necessita de mais professores e cabe ao governo criar políticas públicas que invista em educação e assim aumente o número de formados e valorize a profissão docente para atrair funcionários para as escolas públicas.

Acreditamos que a Universidade Nove de Julho colabora anualmente para diminuir o déficit de professor no mercado de trabalho e procura fazer seu trabalho com qualidade. Parece fazer um bom trabalho no sentido de que seus professores conhecem o mercado de trabalho e buscam formar seus alunos preparados para enfrentar o dia-a-dia na escola. De acordo com a fala dos entrevistado, parte da experiência concreta para discutir maneiras de lidar com a realidade escolar.

Todos os alunos entrevistados se mostraram satisfeitos com a formação que tiveram e se mostraram preparados para enfrentar o cotidiano escolar, todos querem atuar na sala de aula e provavelmente irão contribuir para que o ensino na escola pública aconteça.

O que notamos é que na parte de pesquisa científica a UNINOVE dá poucas contribuições. Em nenhum momento das entrevistas os alunos disseram que irão trabalhar em outro lugar e exercer a profissão de outra maneira que não a escola. Pelo visto a pesquisa científica fica em segundo plano nessa formação. Hipótese que é confirmada no estudo da grade curricular. Durante toda a formação apenas três<sup>18</sup> unidades curriculares são ligadas a pesquisa.

Ademais, os alunos observaram durante as entrevistas que as apostilas usadas pelos professores são muito bem elaborada e boas para utilizar na aula. A utilização de apostila além de facilitar o andamento das aulas, pode moldar os alunos de forma que

---

<sup>18</sup> Metodologia da pesquisa, TCC I e TCC II.

todos eles tenham uma formação equivalente isso se assemelha ao modo de produção capitalista. Marilena Chauí discute bem essa semelhança das universidades as empresas capitalistas.

A reforma da universidade revela que sua tarefa não é produzir e transmitir a cultura (dominante ou não, pouco importa), mas treinar os indivíduos a fim de que sejam produtivos para quem for contratá-los. A universidade adentra mão de obra e fornece força de trabalho (Chauí, 2002. Pag. 52)

Já no caso da USP observamos uma inversão deste panorama. A universidade estadual de São Paulo forma seus alunos para seguirem a carreira acadêmica ou para trabalhar como Historiadores em outros ambientes, mas não na escola. Os entrevistados não demonstraram interesse em trabalhar na sala de aula das escolas.

Há um clima de aversão à sala de aula; quando são perguntados sobre o que farão depois de formados todos deixaram claro que não querem trabalhar como professores e que se isso acontecer vai ser porque não conseguiram o que queriam (o plano A deu errado).

Todos sabemos muito bem que o fator predominante dessa crise vem da ausência de uma política pública mais consistente por parte do Estado, mas quem vive dentro dos muros da Universidade bem sabe o quanto a Licenciatura é desprestigiada, conforme depoimento recente do próprio Ministro da Educação, ao justificar a criação da Bolsa de Iniciação à Docência. (TAKAHASHI; PINHO, 2009, p. C8) Op cit SEVERINO, 2009, p.261.

Essa percepção também é expressa na grade curricular do curso. Não há unidades curriculares de ensino de História na grade fixa do curso. O aluno deve cumprir quarenta unidades curriculares para se formar e dentre essas apenas seis optativas/ eletivas são ligadas a ensino e pensadas dentro do Departamento.

Outra coisa que notamos é que o curso da USP é pensado para durar quatro anos, porém é quase impossível completar as unidades curriculares nesse período e todos os alunos acabam avançando um pouco mais e demoram mais para se formar. Eles dizem que a carga de aula e leitura é muito grande aí fica quase impossível o aluno cumprir tudo em apenas quatro anos. Aqui percebemos que não há tanta pressa para se formar e há sim a preocupação com a qualidade do curso, em aproveitar o currículo antes de se formar.

A valorização do ensino acontece quando se valoriza a atividade docente do professor, inclusive dos pesquisadores. Sabemos que tem havido preocupações para

melhorar a formação docente dos professores pesquisadores. Significado dessa preocupação é o aumento de debates em torno da profissão docente, do que é ensino. Por exemplo, “a realização do ciclo ‘Seminários Pedagogia Universitária’ é parte de uma política institucional voltada para a melhora qualitativa do ensino e para o desenvolvimento profissional docente.” (SEVERINO, 2008).

Assim ao valorizar a profissão docente dentro da USP, repensa-se a formação nos cursos de Licenciatura. A crença de quem sabe, sabe ensinar vai sendo deixada de lado e ações em prol de uma melhora qualitativa na formação de professores vão sendo tomadas.

Ainda que haja uma preocupação recente entre os acadêmicos da USP em refletir com mais cuidado sobre as questões de educação, essas medidas são poucas sentidas pelos alunos que acreditam que a universidade forma melhor para seguirem carreira acadêmica do que para serem professores.

E também, atualmente acontece uma baixa integração entre ensino e pesquisa decorrente da forma como está estruturado o campo acadêmico. Ainda hoje as universidades públicas privilegiam as atividades de pesquisa porque estas proporcionam *status* acadêmico e recursos públicos e privados para a universidade. Além disso, nas universidades públicas a GED (gratificação de estímulo à docência) avalia as atividades de ensino pela quantidade de aulas dadas que somam 80% da pontuação, assim o professor atua na sala de aula pela recompensa financeira sem, contudo, se dedicar a esse ofício. Quantidade de aulas não significa qualidade necessariamente.

Sabe-se que a integração entre ensino e pesquisa é um grande problema que precisa ser superado se realmente pretende a melhoria dos cursos de graduação e a formação de professores autônomos e ativos no processo educacional. Esta superação só será possível se o ensino for colocado como prioridade ao lado da pesquisa.

E isso vale também para a universidade privada colocar o ensino e a pesquisa no mesmo patamar significa melhorar a qualidade da formação de professores, que a partir da prática de pesquisa passam a pensar de forma mais autônoma e crítica e praticam isso na sala de aula.



## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Isabel de. *Formação do professor do ensino superior: desafios e políticas institucionais*. São Paulo: Cortez Editora, 2012. S.A

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Llia Moritz Schwarcz; tradução André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1992.

BRANDÃO, Zaia. *Pesquisa em Educação: Conversas com pós-graduandos*. Editora PUC-Rio, 2002.

CHAUÍ, M. de S. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. :Paz e Terra, 2013.

LÁZARO, André; CALMON Cláudia; LIMA, Silvio Cezar de Souza; OLIVEIRA, Leidiane. *Inclusão na Educação Superior* In: Cadernos do GEA . – n.1 (jan./jun. 2012). – Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2012. Disponível em: [http://www.flacso.org.br/gea/documentos/Cadernos\\_GEA/Caderno\\_GEA\\_N2.pdf](http://www.flacso.org.br/gea/documentos/Cadernos_GEA/Caderno_GEA_N2.pdf) acesso em: 28/08/2014.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. - 5. ed. - São Paulo : Atlas, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LUDKE, Menga e ANDRE, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

SAMPAIO, Helena. “Setor privado de ensino superior no Brasil: o que mudou no século XXI?”. Texto originalmente apresentado no GT Educação e Sociedade no 35º Encontro Anual da Anpocs, realizado de 24 a 28 de outubro de 2011, em Caxambu, Minas Gerais.

SAMPAIO, Helena. “Ensino superior privado: reprodução e inovação no padrão de crescimento”. In: Estudos: Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior - Ano 27, n. 39 (Dez. 2010). – Brasília: Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior, 2007.

SANTOS, Boaventura Sousa. *A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2005.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Ensino e pesquisa na docência universitária: caminhos para a integração*. Cadernos de pedagogia universitária 3. São Paulo: Universidade de São Paulo; Pró-reitoria de Graduação, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Expansão do Ensino Superior: Contextos, Desafios, Possibilidade, Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 2, p. 253-266, jul. 2009.

THIOLLENT, M.J.M. Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. Cadernos de Pesquisa, n. 49, p. 45-50, 1984.

\_\_\_\_\_. *Produtivismo acadêmico está acabando com a saúde dos docentes*. In: Seminário ANDES: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, 22/11/2011. Disponível em: <http://portal.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=5020> Acesso em: 23/04/2014

## ANEXOS:

Tabela 1:

GRADE CURRICULAR – HISTÓRIA - UNINOVE			
1 SEMESTRE	História Antiga História do Brasil Leitura e produção textual I <b>Prática de Ensino I</b> Teoria da História I	2 SEMESTRE	História do Brasil II História Medieval Leitura e produção textual II <b>Prática de Ensino II</b> Teoria da História II
3 SEMESTRE	Antropologia Historiografia Brasileira História da África História do Brasil III História Moderna I Patrimônio Histórico <b>Prática de Ensino III</b>	4 SEMESTRE	<b>Estágio Supervisionado em Ensino I</b> História da América I História do Brasil IV História e Cultura Afro-brasileira História Moderna II <u>Metodologia da Pesquisa</u> <b>Prática de Ensino IV</b>
5 SEMESTRE	<b>Didática</b> <b>Estágio Supervisionado Ens. II</b> História Contemporânea I História da América II <b>Metodologia de Ensino</b> <b>Prática de Ensino V</b> <b>Sociologia da Educação</b> <u>TCC I</u> <b>Tópicos Especiais em Educação I (eletiva)</b>		
6 SEMESTRE	<b>Estrutura e Funcionamento do Ensino</b> <b>Estágio Supervisionado Ens. III</b> História Contemporânea II <b>História da Educação no Brasil</b> <b>Lingua Brasileira de Sinais – LIBRAS</b> <b>Prática de Ensino VI</b> <b>Psicologia da Educação</b> <u>TCC II</u> Temas da História do Brasil <b>Tópicos especiais em Educação II (Eletiva)</b>		

Tabela feita por Gabriela de Rezende Ferreira. Dados informados pelo Aluno Lucas

Tabela 2:

GRADE CURRICULAR – HISTÓRIA BACHARELADO - USP			
Disciplinas Obrigatórias			
1 semestre	<u>Metodologia da História I</u> História do Brasil Colonial I História Ibérica I História da América Colonial	2 semestre	<u>Metodologia da História II</u> História do Brasil Colonial II História Ibérica II
3 semestre	Geografia Humana, Geral e do Brasil História Antiga I História Medieval I	4 semestre	História Antiga II História Medieval II História da África
5 semestre	História Moderna I História do Brasil Independente I História da América Independente I	6 semestre	História Moderna II História do Brasil Independente II História da América Independente II
7 semestre	História Contemporânea I Teoria da História I	8 semestre	História Contemporânea II Teoria da História II
Disciplinas Optativas Eletivas			
1 semestre		2 semestre	História Contemporânea da Rússia/URSS <b>Cultura Visual e Ensino de História Uma História para a Cidade de São Paulo: Um Desafio Pedagógico</b> História da África e dos Afrodescendentes no Brasil: <b>Conteúdos e Ferramentas Didáticas para a Formação de Professores do Ensino Médio e Fundamental</b>
3 semestre	História da Cultura I História da Ásia Estudos Latino-americanos: Ficção e História	4 semestre	História Contemporânea com ênfase em Ásia História Social das Ideias Políticas na América Colonial História Empresarial <b>A Escola no Mundo Contemporâneo</b> História da Cultura II História dos Estados Unidos Fotografias em Acervos Museológicos Históricas Introdução ao Estudo da Cultura Material Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil: Conceitos, Políticas Públicas, Estratégicas.

5 semestre	História e Pensamento Econômico História das Ciências e Técnicas no Brasil História Indígena Colonial História Social do Tempo <b>Ensino de História: Teoria e Prática</b> História das Religiões e os Encontros Culturais entre Europa e América História das Instituições História e Historiografia: Tendências Contemporâneas Arqueologia	6 semestre	A Revolução Russa: História e Historiografia <b>O Ensino de História e a Questão Indígena</b> História Política História da América Pré-Hispânica História do Cotidiano História Social da Arte
7 semestre	Museologia Histórica História da Cultura III História das Ideias História da Ciência, da Técnica e do Trabalho <u>Introdução à Pesquisa em História I</u> História e Fontes Visuais	8 semestre	Introdução à Arquivologia História da Cultura IV <u>Introdução à Pesquisa em História II</u> <u>Introdução à Pesquisa em História I</u> História Econômica
Disciplinas Optativas Livres			
1 Semestre	A Música do Brasil Independente	2 Semestre	História de São Paulo Colonial

Tabela feita por Gabriela de Rezende Ferreira Dados retirados

<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=8&codcur=8030&codhab=103&tipo=N>

Acesso em: 16/10/2014.

Tabela 3:

GRADE CURRICULAR – HISTÓRIA LICENCIATURA - USP			
Disciplinas Obrigatórias			
1 semestre	Atividades Acadêmico - Científico - Culturais I (AACC - I)	2 semestre	Atividades Acadêmico-Científico-Culturais II - (AACC II) Política e Organização da Educação Básica no Brasil Didática Ensino de História: Teoria e Prática
3 semestre	Atividades Acadêmico-Científico-Culturais III - (AACC III) Metodologia do Ensino de História I	4 semestre	Atividades Acadêmico-Científico-Culturais IV (AACC - IV) Metodologia do Ensino de História II Metodologia do Ensino de História I
Disciplinas Optativas Eletivas			
1 semestre	Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Histórico Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Sociológico A Escola no Mundo Contemporâneo	2 semestre	Práticas Escolares, Contemporaneidade e Processos de Subjetivação A Psicologia Histórico-cultural e a Compreensão do Fenômeno Educativo. A Psicanálise, Educação e Cultura Psicologia da Educação : Uma Abordagem Psicossocial do Cotidiano Escolar Práticas Escolares, Diversidade, Subjetividade
Disciplinas Optativas Livres			
8 Semestre	Atividades Práticas em História		

Tabela feita por Gabriela de Rezende Ferreira Dados retirados

<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=8&codcur=8030&codhab=200&tipo=N> Acesso em: 16/10/2014.

## **Pesquisa qualitativa**

### **Entrevista com aluno da USP (1)**

Por que você escolheu estudar História?

**Entrevistado:** Eu queria fazer um curso que me desse dimensão do social, então, eu ficava entre Ciências Sociais, Humanas né, aí achei que História seria bom, me daria uma visão mais completa, entre aspas né?

Por que aqui na USP?

**Entrevistado:** Ah porque aqui parece ser o melhor curso, aqui na USP, pelo menos está entre os três melhores.

E depois de formado, o que você pretende fazer?

**Entrevistado:** eu quero trabalhar com Arquivo, em acervos, museus, em alguma instituição. Eu fiz a Licenciatura, mas eu não pretendo dar aula, é só se o plano A der errado.

E você acha que a USP te dá subsídios para isso?

**Entrevistado:** para trabalhar com arquivologia? Eu acho que sim, mas ainda acho que é meio falho a gente tem uma matéria de arquivologia só então, é mais ou menos né? Meu estágio é que me ajudou mais, eu trabalho no IEB. Faço estágio lá e prática eu tive mais lá. Então sim e não, acho meio incompleto ainda.

E você pretende fazer pós-graduação?

**Entrevistado:** eu pretendo, mas eu não tenho a menor pressa então, eu não tenho pressa de terminar a faculdade e começar no mestrado. Estou mais interessado em terminar aqui e estou lendo para o mestrado, mas ainda não sei.

## **Entrevista com aluno da USP (2)**

Em primeiro lugar eu gostaria de saber por que você decidiu estudar História?

**Entrevistada:** O meu motivo é bem normal se você for perguntar para as maiorias das pessoas, é porque eu gostava da matéria quando estava na escola, gostava de pesquisar, usar a internet e foi por isso que eu escolhi.

E por que a USP?

**Entrevistada:** Porque a USP é a melhor universidade que a gente tem pública e tal e é sempre um objetivo né?

E você só tentou vestibular de universidade pública?

**Entrevistada:** Sim, só pública.

Por qual motivo?

**Entrevistada:** Pela qualidade mesmo.

E o que você pretende fazer depois de formada?

**Entrevistada:** Então, eu ainda estou um pouco indecisa, mas tudo indica que eu vou para a carreira acadêmica, mas no momento estou trabalhando nas duas coisas, tanto na área educacional quanto na área acadêmica.

E você acha que a USP te dá subsídios para continuar na carreira acadêmica?

**Entrevistada:** Mais ou menos né.

Mas se você fosse pensar entre vida acadêmica e escola, ser professor, você acha que ela te dá subsídios para fazer mais o que?

**Entrevistada:** A vida acadêmica, para educacional não dá apoio nenhum, na minha opinião. Acho que os cursos que fazemos só tem um aqui no Departamento que é direcionado para ensino e os outros não.

Então você pretende fazer pós-graduação?

**Entrevistada:** Sim pretendo fazer aqui.

### **Entrevista com aluno da USP (3)**

Por que você escolheu estudar História?

**Entrevistado:** pergunta complexa, hehehe, acho que eu sempre tive afinidades com a área de humanas. Na época do colegial eu tinha dúvida entre Geografia e História. Por não gostar muito da parte de Geografia Física acabei escolhendo História. Sempre tive interesse em estudar a sociedade, as relações sociais.

E por que aqui na USP?

**Entrevistado:** Na verdade eu prestei aqui, na UNESP e na Estadual do Paraná e pensei onde eu passar eu vou. Acabei escolhendo aqui porque o curso parecia ser melhor e por ser Bacharelado também. E pelo nome da Instituição.

E o que você pretende fazer depois de formado?

**Entrevistado:** É estou pensando no mestrado e talvez dar aulas por um tempo.

E você acha que a universidade te dá subsídios para ser um bom professor?

**Entrevistado:** acredito que sim.

E para entrar no mestrado, seguir carreira acadêmica?

**Entrevistado:** Sim também, acho que mais para essa parte do que para ser professor.

E você quer fazer pós-graduação? Onde?

**Entrevistado:** Então estou em dúvida se faço aqui ou na UNICAMP.

### **Entrevista com aluno da USP (4)**

Por que você escolheu estudar História?



**Entrevistado:** Cara, essa pergunta é boa viu?! Eu não sei direito viu, acho que é interesse na matéria da escola mesmo sabe? Na escola era a matéria que mais me interessava, sei lá História, Geografia. Minha mãe é professora né, eu tenho um tio professor de História e eu acho que era isso. Acho que eu tive algum professor bom de História que acabou chamando minha atenção.

E por que aqui na USP?

**Entrevistado:** Eu prestei FUVEST, Federal de Santa Catarina, UNICAMP e UFMG, só universidade pública né? Eu queria passar em uma pública e queria sair de casa, porque eu sou de São José e queria um bom motivo para sair da cidade.

E depois de formado o que você pretende fazer?

**Entrevistado:** olha não tenho muitos planos direito, mas é não sei né, eu trabalho com outra área né? Eu sou assistente de um artista plástico e já estou trabalhando nisso desde 2009 mais ou menos, não sei acho que eu estou indo para essa área aí, estou deixando me levar, assim.. rs.. Eu não pretendo ser professor e acho que nem vou completar a Licenciatura, acho que eu vou cumprir o bacharelado e não sei eu estou pensando e tenho que decidir até daqui a pouco, mas acho que eu nem vou fazer Licenciatura não, preguiça. E também não quero fazer pesquisa, sei lá desencanei, durante o curso perdi o interesse.

E você acha que a USP te forma para quê?

**Entrevistado:** eu acho que não prepara para gente ser professor porque aqui na História, no Departamento de História não, e isso é certeza que não. Ai quando você abre a Licenciatura, eu sou meio suspeito para falar por que eu fiz uma matéria ou duas só que pode contar para mim se eu abrir Licenciatura, entendeu? Mas eu vejo muita gente reclamando da Licenciatura, fala que é mal feita.

## **Entrevista com aluno da USP (5)**

Por que você escolheu estudar História?

**Entrevistado:** Ah para mim porque sempre fui ligado a História na escola, minhas melhores notas eram em História, sempre gostei de pesquisar muito sobre História, meus interesses sempre foram em torno da História e sempre consenso para mim mesmo e para minha família que o melhor que eu tinha a fazer mesmo era História porque eu tinha mais talento, tinha mais facilidade.

E por que a Usp?

**Entrevistado:** A USP sempre foi considerada a melhor universidade do Brasil, melhor universidade da América Latina, perdeu o posto esses dias aí. Mas, foi mais por conta da qualidade, pelo menos a qualidade divulgada da Usp, dos cursos da Usp.

E o que você pretende fazer depois de formado?

**Entrevistado:** Já consegui entrar no programa de Mestrado aqui do Departamento consegui já uma bolsa da Fapesp, consegui esses dias então estou seguindo pela carreira acadêmica.

E você acha que a sua formação te dá subsídios para isso>

**Entrevistado:** sim no sentido de que o Departamento direciona mais o aluno para a pesquisa, mas em termos de financiamento é uma questão muito mais complicada, tanto que meu financiamento é pela FAPESP, não é um órgão da Universidade e eu tenho umas críticas severas quanto a isso, ao financiamento que a universidade dá aos pesquisadores que estão sendo formados aqui.

## **Entrevista com aluno da UNINOVE (1)**

Por que você escolheu estudar História?

**Entrevistada:** Eu quando fiz 18 anos, na verdade, eu tinha a ideia de que eu tinha que ir para faculdade fazer alguma coisa. Aí fui fazer Turismo, minha mãe sempre me incentivando a fazer alguma coisa. Enfim lá eu descobri que eu queria fazer História porque não me via na área, trabalhando. Ai em 2006 eu comecei outra faculdade e eu acabei desistindo, não por conta do curso, porque o curso era realmente o que eu queria, mas acabei fazendo outras coisas, tive minha filha e minha vida mudou totalmente aí minha mãe falou: filha você não quer voltar a estudar? Eu posso pagar para você. Ai eu disse quero e voltei, e foi a melhor coisa que eu fiz porque se eu tivesse feito História com 20 anos certamente eu teria mais tempo profissional, enfim, mas eu perderia em outras coisas.

E por que aqui na UNINOVE?

**Entrevistada:** Ah eu escolhi por ser mais próximo de casa e porque minha mãe falou que ia pagar.

E depois de formada você pretende fazer o que?

**Entrevistada:** eu pretendo lecionar, pelo menos começar de alguma forma.

E Você acha que a UNINOVE te deu subsídios para isso?

**Entrevistada:** sim, eu acho que sim.

E depois você pretende fazer pós-graduação?

**Entrevistada:** Pretendo, mais ainda não sei, não tenho muita ideia, um dia.

## **Entrevista com aluno da UNINOVE (2)**

Por que voce escolheu fazer História?

**Entrevistada:** Na verdade eu era da área de Marketing e trabalhava com eventos, vendas, na área de marketing quando eu tive um trabalho relacionado a Henry Ford, Revolução Industrial, começou a renascer aquela vontade de voltar para área da educação que era meu sonho, eu sempre sonhava em ser professora. E aí foi lá que decidi sair da área e fazer o curso de História.

E porque você escolheu aqui na UNINOVE?

**Entrevistada:** assim, mediante também localização tinha visto uma nota boa no MEC, fiquei em dúvida entre UNISANTANA, UNIP aí escolhi aqui pela localização, ônibus.

E Depois de formada o que você pretende fazer?

**Entrevistada:** Estou pensando em fazer pós, mas não tenho pretensão para onde ir.

E você acha que a UNINOVE te dá subsídios para ir para uma Pós?

**Entrevistada:** Eu acho que dá, os professores dão muito apoio, incentivam a gente a dar continuidade nos estudos, não parar.

E para ser professora?

**Entrevistada:** Então, acho que sim porque os estágios aqui são bons.

### **Entrevista com aluno da UNINOVE (3)**

Por que você decidiu estudar História?

**Entrevistada:** Eu já sou formada em Língua Portuguesa, eu já dou aula, já sou professora, e eu me formei em 2005 e eu queria muito voltar a estudar, eu sempre gostei muito de estudar, mas eu não queria fazer nada na área de Língua Portuguesa, já estava de saco cheio, não queria nada nessa área de pós, nem mestrado, nada. E como eu fiz minha faculdade de forma muito corrida, muito rápido, eu queria ter aproveitado mais, eu decidi fazer outra graduação e fiquei em dúvida se fazia Inglês porque eu não tenho inglês e História. Como eu sempre fui apaixonada por História eu vim fazer a graduação de novo para vivenciar a graduação de novo e não uma pós.

E por que você escolheu a UNINOVE?

**Entrevistada:** Olha embora muita gente me perguntou porque eu não tentei uma pública, porque, enfim eu já não precisava entrar no mercado de trabalho, eu sempre achei que eu não tinha condições de entrar em uma pública sem ter que estudar pelo menos um ano, em um cursinho, e como eu não estava afim, eu queria mesmo ir direto e começar a estudar, a UNINOVE é uma faculdade bem localizada né? Todo mundo chega, tinha um preço fantástico no começo R\$ 238,00 e tinha de manhã. Como eu tenho uma filha que na época tinha completado 1 ano e se fosse a noite minha mãe não ficaria com ela para mim né? Então, por ser de manhã, por ser perto e por ter um preço legal.

E depois de formada o que você pretende fazer?

**Entrevistada:** Eu quero dar aula de História, e também gostaria de fazer alguma pós e juntar História e Literatura.

E você já pensa em alguma Pós?

**Entrevistada:** Agora? Hahaha Agora não, eu preciso cuidar da minha menina um pouco, foram 3 anos que ela está a Deus dará, tadinha.. hehehe Quero me formar e só.

E você acha que a UNINOVE te dá subsídios para ser um bom professor de História?

**Entrevistada:** Olha perto da outra faculdade que era a Anhembi Morumbi uma coisa que me chamou muito a atenção foi que os professores não pintam a profissão de professor como mil maravilhas, mesmo porque eu já conheço sei que não é, mas a disciplina que é Prática de Ensino aqui na História foi fundamental para mim, eles, hã... é a mão na massa mesmo, traz muito da realidade da sala de aula, da técnica como professor e o conhecimento aqui é muito bem passado.

## **Entrevista com aluno da UNINOVE (4)**

Por que você escolheu estudar História?

**Entrevistado:** Olha essa é a minha segunda graduação, na minha primeira graduação eu já pensava em fazer História, sempre gostei assim de História, mas trabalhava assim com a questão de Turismo, então, naquela época eu era beneficiado pelo FIES então mudar o curso não dava. Isso foi em 99 quando eu pensei em fazer História, mas aí ficou adormecida essa ideia, acabei terminando a faculdade e segui a vida, montei uma empresa e tudo mais. Em 2009 eu montei uma segunda empresa e não deu certo ela veio a falir e eu fiquei muito perdido, muito perdido, muitos problemas, muitas coisas assim, e pensei: ó eu preciso arrumar uma profissão, mas já estava em uma idade meio que avançada para o mercado de trabalho tanto que durante 10 anos eu trabalhei para mim mesmo, então é difícil ter uma inserção no mercado de trabalho e eu pensei o que é que eu posso fazer agora, como a minha idade e que me dê pelo menos uma vida digna? Aí, como eu gostava de História, pensei vou começar a fazer História, começar uma nova faculdade e fiz História para ser professor.

E por que aqui na UNINOVE?

**Entrevistado:** Já tinha conhecimento da UNINOVE e perto da minha casa tinha a UNINOVE da Vila Maria, então fiz a inscrição para UNINOVE da Vila Maria que era o local mais próximo de casa, mas não tinha o curso e só tinha aqui na Barra Funda, mas como eu já tinha decidido eu disse agora eu vou mesmo na Barra Funda.

E depois de formado pretende fazer o que?

**Entrevistado:** Pretendo dar aula.

E voce acha que a UNINOVE te dá subsídios para isso?

**Entrevistado:** Me dá subsídios sim, foi uma surpresa porque perto da outra instituição que eu me formei aqui é Haward, hehehe, assim a estrutura encontrada na UNINOVE com os professores né? É lógico que por ser uma instituição privada e comercial ela tem suas deficiências e ela quer colocar o pessoal no mercado de trabalho e isso é lógico e tem todo um esquema montado para que você seja aprovado, mas quem realmente se dedicou ao curso de História aqui encontrou profissionais excepcionais, eu falo pela grade de professores excepcionais, me dá muito subsídio. Outra coisa que eu acho que me dá o subsídio de estar na sala de aula é que desde o primeiro dia de aula aqui nunca foi pintado que a gente vai encontrar que a gente vai encontrar um mundo maravilhoso lá fora, então estamos sendo preparados para ser professor mesmo. Diferente se você faz uma USP uma UNICAMP você tem um olhar mais pesquisador, vem de uma outra área, aqui não, aqui você vem já com a sua deficiência também e você tem que trabalhar e tudo isso que a gente tem que não é só trabalhar, e desde o primeiro dia é falado vocês vão encontrar um cenário então, se você realmente termina é porque você está interessado em ingressar nesse mercado.

E você pretende fazer pós graduação, já está pensando nisso?

**Entrevistado:** Pretendo fazer pós graduação, dar continuidade no meu TCC que é um trabalho que eu fiz ai sobre o sanatório de Guarulhos na segregação compulsória dos Leprosos. E gostaria de fazer em uma pública, mas não sei se consigo e vejo a possibilidade da PUC, mas não agora, mais para frente.

## **Entrevista com aluno da UNINOVE (5)**

Por que você decidiu estudar História?

**Entrevistado:** Então, porque a História é uma área que eu sempre gostei né? Até porque eu exerço uma atividade de cultura afro né? Mais sobre a capoeira, eu sou capoeirista há 30 anos e resolvi fazer até para dar um continuidade assim nessa área.

E por que você escolheu aqui na UNINOVE?

**Entrevistado:** Então, eu prestei em duas né na UNIFIEL em Osasco e aqui e por condições financeiras eu achei melhor aqui.

E depois de formado você pretende fazer o quê?

**Entrevistado:** Então eu pretendo fazer uma pós sobre a História e a Cultura afro, na PUC ou na USP, que foram as indicações dos professores aqui, mas assim tem online também na UNIARARAS você faz uma pós online de cultura afro e a indígena já vem junto.

E você acha que a UNINOVE te deu subsídios para isso?

**Entrevistado:** Sim, aqui professores bons e até mesmo as apostilas, as indicações de livros.